

Um olhar para novas possibilidades epistemológicas e graduação em Medicina

Em mais uma edição da Anais da Faculdade de Medicina de Olinda, temos a oportunidade de mostrar a produção de estudantes e docentes cada vez mais entusiasmados com a formação médica. Essa formação não se ancora apenas em bases científicas, mas também está comprometida com valores éticos e humanos no exercício da medicina, forjando novos profissionais para um novo tempo.

Aliás, é importante ressaltar que essa formação está alicerçada nas diretrizes curriculares nacionais propostas para o curso de medicina, transcendendo um debate que parece desconexo da realidade ou motivado por interesses particulares e aparenta a disputa de uma ótica reducionista entre o tradicional e o novo. Na verdade, a articulação entre o que se ensina e/ou se pesquisa e a maneira como essa visão de mundo se relaciona com as tecnologias disponíveis representa a discussão mais importante desde a Terceira Revolução Industrial. Essa interrelação tem repercussões significativas na forma como as pessoas vivem, amam e, naturalmente, como se preparam para a inserção no mundo do trabalho.

A constatação de que a maneira tradicional de fazer ciência e de formação profissional se esgotou não é algo recente. Os sinais desse esgotamento já eram sentidos pelo menos duas décadas antes do início deste século, quando renomadas universidades do mundo e governos de países desenvolvidos comissionaram importantes pensadores para oferecer alternativas para formação no século que se avizinhava. Mesmo no Brasil, pensadores vanguardistas chamavam atenção para a necessidade de um novo modelo de formação, principalmente no ensino superior, como Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira.

Sabe-se que a formação do ensino superior é fortemente delineada a partir do conhecimento científico, que busca o aperfeiçoamento de tecnologias e a ampliação de seu acesso à humanidade pela redução de custos. No entanto, era exatamente nesse ponto que a crise se aprofundava, pois a ciência chegaria ao início deste século sem oferecer respostas a graves questões sociais, como, por exemplo: a erradicação da fome (a despeito de diversas partes do globo se dedicarem ao cultivo), a questão climática e ambiental e, na medicina, a falta de uma resposta efetiva às doenças negligenciadas.

Esse cenário foi gerado por uma imensa produção científica descontextualizada e compartimentalizada. Nessa perspectiva, cientistas passaram a refletir com afincos sobre a finalidade dos seus experimentos e tornou-se imperativa uma ampla discussão de agendas de pesquisas integradas e interdisciplinares, internacionais e nacionais, tanto por organizações não governamentais quanto governamentais.

Todavia, enquanto a ciência contemporânea não repensava a profunda crise paradigmática na qual estava inserida, a formação de ensino superior agonizava. Edgar Morin diagnosticou que “ensina-se tudo ao estudante na escola, menos a pensar”. Ao formalizar sua teoria do pensamento complexo, Morin lançou luz sobre a formação por competências e os grandes desafios do ensino contemporâneo, como o desafio cívico (da responsabilidade social) e o de reformar o pensamento, sendo esse último considerado pelo autor o desafio dos desafios.

Toda essa conjuntura também alcançava a medicina. A crise paradigmática no modo de fazer ciência e de formar profissionais fez com que eminentes e tradicionais instituições naufragassem. Além disso, ela gerou uma massiva concentração de médicos nos grandes centros urbanos, em especial nos países em desenvolvimento, como o Brasil, e levou certas formações a desviarem sua atenção dos sérios problemas que adoeciam e causavam a morte da população, provocando graves consequências para a humanidade.

Diante disso, a Faculdade de Medicina de Olinda buscará não ser meramente uma nova faculdade com um curso de medicina, mas, sim, oferecer uma formação inovadora. Nossos médicos estarão aptos não apenas a lidarem com doenças e suas consequências dentro da perspectiva da ciência, mas, sobretudo, com o doente, buscando incorporar a sua conduta terapêutica ao lugar onde ele mora, bem como na forma como vive e se relaciona em sociedade. Portanto, nada será retirado da formação científica necessária ao médico e serão acrescentadas as qualidades para a formação de um médico com concepção de humanidade, que sente e vive como gente. Assim, sociedade saberá reconhecê-lo e, mais ainda, recompensá-lo pelos grandes préstimos que esse médico trará a ela.